

42^{as} Olimpíadas Internacionais de Matemática Washington DC, Estados Unidos da América

Reportagem por Daniel Pinto,
Departamento de Matemática - Universidade de Coimbra

Entre 4 e 14 de Julho de 2001 estiveram reunidos, em Washington DC, 473 estudantes de 83 países das mais variadas regiões do globo. Tudo por causa de alguns pequenos desafios matemáticos que constituíram a parte competitiva das 42^{as} Olimpíadas Internacionais de Matemática. Uns dias antes, já o Júri Internacional tinha chegado à capital norte-americana, tendo em vista a elaboração da prova e a sua tradução para mais de cinquenta idiomas distintos. A selecção dos problemas foi feita a partir duma lista previamente elaborada com várias das propostas enviadas pelos diferentes países participantes. Essa lista encontrava-se dividida em quatro capítulos: Álgebra, Combinatória, Geometria e Teoria dos Números. Visto que a competição contemplava apenas estudantes pré-universitários, o Júri procurou evitar os problemas que envolvessem noções próximas do Cálculo Infinitesimal.

A equipa portuguesa foi formada pelos seguintes alunos:

- Nelson Filipe Rosário Dias, 11º ano
Escola Sec. Mira de Aire
- Luís Miguel Diogo, 12º ano
Escola Sec. Mem Martins
- André Lopes da Fonseca, 12º ano
Colégio Interno dos Carvalhos
- Fábio Diales Rocha, 12º ano
Escola Sec. Carlos Amarante, Braga
- João Luís Carvalho Serranho, 12º ano
Escola Sec. Prof. Herculano de Carvalho, Lisboa
- Diogo Gaspar Oliveira e Silva, 12º ano
Escola Sec. Augusto Gomes, Matosinhos

Todos eles estiveram no pavilhão de basquetebol da Universidade George Mason, onde decorreram os dois dias de prova.

Os participantes foram distribuídos por mesas indivi-



duais espalhadas pelo recinto e pelos corredores de acesso. Sem outro material para além de papel, caneta e instrumentos de desenho, confrontaram-se com seis desafios matemáticos de elevado grau de dificuldade.

Até essa altura não houve qualquer contacto entre os elementos do Júri e os participantes de modo a impedir a fraude ou a passagem de informação relevante que desvirtuasse os resultados e pusesse em perigo a lealdade com que devem decorrer umas Olimpíadas de Matemática.

Para lá da competição, houve também oportunidade para conhecer Washington e Baltimore, para ver uma partida de baseball, os museus e as embaixadas. Houve ainda tempo para as diversões aquáticas e para os jogos de futebol na relva irregular do Campus.

Mas sobretudo, os estudantes tiveram a possibilidade de conversar, na mesma mesa ou nas residências universitárias, com gente de outras culturas, tentando entender as diferenças e as afinidades.

Para facilitar a coordenação das dezenas de equipas envolvidas, a organização contratou guias (jovens, na sua maioria) que acompanharam os participantes de cada uma das nações.

Em 2002 as IMO terão lugar em Glasgow, estando já decidido quais os países onde o evento irá decorrer nos dois anos seguintes: Japão (2003) e Grécia (2004).

Se é verdade que os resultados da equipa portuguesa não foram brilhantes (78º lugar) fica, pelo menos, a certeza de que os muitos alunos que participaram nas olimpíadas nacionais e, principalmente, aqueles que estiveram nas internacionais, expandiram os seus conhecimentos e puderam desenvolver a criatividade que noutros espaços de aprendizagem lhes é vedada.

Se observarmos que tudo isso foi feito aproveitando uma faceta sedutora e contagiante da matemática, talvez não seja assim tão pouco.

